

Ilustração Portuguesa



Numero da Natal

LISBOA 22 DE DEZEMBRO - 1919.

II. SERIE

N.º 722

PREÇO 15 CÉNT.



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade de SILVA GRACA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 15 ctv.
Numero avulso em todo o Brazil, 700 réis.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 1\$90 ctv.
Semestre 3\$75 *
Ano 7\$50 *

Redacção, administração e oficinas: Rua do Securo, 43 — LISB'

FICA SEMPRE DELICADO,
— ENCANTADOR —
COM UM TOM DELICIOSO DE
FRESCURA
O ROSTO QUE USA O

"LEITE DE ROSAS"

FINISSIMO PÓ D'ARROZ LIQUIDO
EGUAL AOS MELHORES
DO EXTRANGEIRO

CADA FRASCO 1\$45

Frasco d'amostra \$60

À VENDA EM TODO O PAIZ

CREAÇÃO ORIGINAL
DE GRANDE SUCESSO

DA

«PERFUMARIA DA MODA»

5, Rua do Carmo, 7 ◊ ◊ LISBOA

Pilulas laxativas Boissy

(SAPONACEAS)

O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam
sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue,
anti-biliosas e refrigerantes.

A' venda em todas as farmacias e drogarias

DEPOSITO GERAL PARA REVENDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca

Rua da Prata, 237, 1.º



M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDEN



Tudo esclarece
passado e present
rediz o futuro.

Garantia a todos
meus clientes: co
pleia veracidade
consulta ou reemb
do dinheiro.

Consultas todos
dias uteis das 12 ás
horas e por correspo
dencia. Enviar 15 c
lavos para resposta
Calçada da Patri
col, n.º 2, 1.º, Esq. (c
mo da rua d'Alegre
predio esquina)

Massagem Gimnastica

ANTONIO Infante do American College
of Mecanotherapy. — Escrever: Rua S.
Francisco de Salles, 41, ás Amoreiras.



Corôas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba
rato vende, por ter
fabrica propria, e na

Camelia Branca
L.º D'ABEGOARIA, 50
lao Chiado - Tel. 3270

Reconstituente
Alimento Phosphatado

BANANINE MIALH

Creanças, Convalescentes
Tratamento das enterite

8, Rue Favart, Paris

ILUSTRACÃO

EDIÇÃO SEMANAL

PORTUGUEZA

DE «O SÉCULO»

II Serie—N.º 722

Lisboa, 22 de Dez. 1919

Arco principal da entrada das capelas imperfeitas
(Batallas)

Bethleem

Faz-nos sorrir agora (que pungente
O sorriso dos homens sabedores!)
A aventura dos Magos e pastores
Guiados pela estrela do Oriente.

Do entanto qual de nós, por mais descrente,
De olhos fitos em rastos guiadores,
Ho Deus Menino não cantou louvores,
Não foi também romeiro inconsciente!

Não perturbeis aquele caminhante
Que, em busca de ventura apeteçida,
O monte suba, onde ela se levante.

haja embora no termo da subida
Um engano tuzaz, bendito o instante
Que nos concede uma ilusão na vida!

Acácio de Paiva.

NA CAPA—Iluminura (seculo XVI. Escola por-
tuguesa).

Natal na Arte Portuguesa

POR
JOSE DE FIGVEIREDO

DIRECTOR DO
MUSEU NACIONAL
DE ARTE ANTIGA

Do século XIII, a época aurea para a iconografia da idade média, conhecemos, em umas das mais antigas igrejas portuguesas, Atouguia da Baleia, uma «Natividade»

que até agora passou despercebida aos nossos arqueólogos, e que é a prova, se ela fosse ainda necessária, da universalidade que regia então a sciencia liturgica. Nesse baixo relevo, devido certamente a um artista oriundo de Chartres ou que ali tinha estado, tão absoluta é a identidade dessa escultura com o celebre fragmento representando o mesmo assunto, que fez parte da antiga tribuna (jubé) da catedral daquela cidade, o sentimento humano e maternal, que se afirma na plasticisação do nascimento de Cristo, sobretudo a partir do Poverello e dos seus «filhos espirituaes», revela-se já em mais de um ponto. Mas o Menino descança ainda sobre um altar, o que, no campo exclusivamente ideologico, é caracteristico da primeira fase da arte religiosa medieval. O artista materialisava assim o espirito de sacrificio com que o filho de Deus, feito homem, veio a este mundo.

Posteriormente, os nossos pintores e imaginários acompanharam a evolução que, desde aquela época, a iconografia religiosa fez por toda a parte; e, na nova orientação, os nossos artistas dos seculos de quatrocentos e de qui-

nientos, ou por iniciativa propria ou por indicação dos nossos teologos, evocam geralmente, nas suas «Natividades», a Virgem sob o aspecto familiar e enternecedor

que é a característica desse período. Entretanto, se em alguma escola de arte essa iconografia não conservou a sua absoluta integridade foi entre nós. Achado o caminho marítimo para a India e descoberto o Brazil, Lisboa, que passou então a ser o maior emporio do mundo, com a transferencia para o seu porto da maior parte do commercio que até essa época se fazia pelos mares de Veneza, tornou-se, mais do que nunca, a terra de «desvairadas gentes», que começara já a ser desde a conquista do litoral africano. E os nossos artistas, ainda mesmo os que d'aqui não saíram, não escaparam a os «fumos» orientaes que marcam, com o nosso maior apogeo, o inicio da nossa decadencia.

Presenciando, com a de mais população de Lisboa e dos outros nossos portos menos importantes, a chegada dos veleiros vindos de além mar e o desembarque das riquezas neles trazidas, a sua retina não podia esquecer toda a maravilhosa e inédita magia de côr e de fôrmas que esse espectáculo lhes oferecia. E, ao realisarem as suas composições, não era só nos tipos, como no do guarany, da «Adoração dos Reis Magos» do Museu de Vizeu, e no do indio que poisa magestosamente, á extrema di-



«A adoração dos pastores» (Natividade). Painel do antigo polyptico da Sé de Vizeu por Jorge Afonso. (Seculos XV-XVI. Escola portuguesa). No Museu Grão Vasco.

reita da iluminura quinhentista que, com o mesmo assunto, ilustra estas paginas, que essa sujestão se traduz. Vestuário, armas e joias revelam tambem esse deslumbramento; e, mais do que todos esses pormenores, o traduzem ainda o aspecto geral das composições que, como succede nesta ultima «A Adoração» e em outras da mesma época, revestem um caracter tão excecivo e faustoso que tira, por vezes, á Sagrada Família muito da intimidade e enternecida doçura que é, na nossa escola primitiva, como nas neerlandezas a dominante nas interpretações destes episodios religiosos.

Entranto que isto acontecia com os nossos artistas das oficinas de Lisboa, como Jorge Afonso e Gregorio Lopes, os nossos pintores regionais, incluindo os que, na capital, tinham praticado e aqui vinham decerto com frequencia como Gaspar Vaz, esses, na sujestão mais directa e constante da natureza e dos costumes simples dos pequenos aglomerados em que tinham certamente nascido e em que mais longamente viviam, deixavam apenas infiltrar nas suas composições um outro vago orientalismo, continuando a dar-nos a «Natividade» e a «Adoração dos Reis Magos» com a ingenuidade e candidez que é o maior encanto da arte dessas épocas.

E por vezes vão mesmo tão longe na liberdade familiar com que traduzem essas scenas que, esquecendo-se do que lhes ensinam os livros tradicionaes, põem de parte, ao comporem os seus retabulos, como Gaspar Vaz fez no convento do Paraizo de Evora, o episodio da Natividade, tal como ele era sempre realiado, por

um outro em que a Virgem e S. José são ádidos, momentos já apóz o Nascimento, na faina de aquecerem a toalha destinada ao enfaimento de Jesus. O centro da composição desloca-se por isso, deixando de ser o leito de palha habitual que nem é figurado sequer na scena. Mas

o cabaz com ovos e outras oferendas que, junto do fogareiro aceso, substitue aquelle pormenor, explica-nos melhor do que os grupos de anjos, que voam cantando a gloria de Deus, porque é que os pastores olhando, do fundo do segundo compartimento, o anjo anunciador (?) que paira sobre o estabulo, se preparam para partir.



«Adoração dos Reis Magos». Painel do antigo polyptico da Sé de Vizeu, por Jorge Afonso. (Seculo XV-XVI. Escola Portuguesa). Museu Grão Vasco.

Com o esgotamento a que o desvario das diascobertas e conquistas levaria o paiz, e com a perda da independencia e consequente transferencia da corte para Madrid, a nossa arte decae por completo e, entregue a figuras de segunda ordem como Avellar, Reino e a tão inferior e celebrada Josefa de Obidos, empenha-se, sobretudo durante o seculo XVII, na imitação dos artistas mais em voga, conseguindo apenas seguir os seus aspectos mais fracos. Para as «Natividades», os mestres dos meninos luminosos são os preferidos; e, nesse verdadei-

ro descalabro, aquele episodio da infancia de Christo, na paleta ou no cinzel dos nossos artistas de então, só tem hoje para nós interesse, precisamente, nas realiações mais inferiores dos que fizeram o que chamaremos, não arte religiosa, mas «arte conventual». Compondo sobre aquele tema, esses pintores deixaram-nos, com a prova da sua inferioridade, interessantes documentos, porque, mais do que Jesus, consagraram sobretudo os talentos



«Natividade». Gaspar Vaz. (Seculo XVI. Escola portuguesa). Na Igreja de S. João de Tarouca.



«Adoração dos Reis Magos». Gaspar Vaz. (Seculo XVI. Escola Portuguesa). Na Igreja de S. João de Tarouca. Polyptico de Nossa Senhora da Gloria.

culinarios das freiras suas protectoras, traduzidos nas guloseimas e outros mimos com que os pastores são figurados a presentear o divino recém-nascido.

Após o tratado de Utrecht e, principalmente, a partir do reinado de D. João V, a arte ganha entre nós novas e melhores raizes. Mas dos nossos maiores pintores do seculo XVIII, só de Sequeira chegaram até nós obras de vulto reproduzindo o nascimento do Menino. Vieira Portuense, morto prematuramente, não teve ocasião de tratar seriamente esse assunto; e de Vieira Lusitano, que o plasticizou mais de uma vez, só chegaram até nós alguns desenhos a sanguinea. O grande terramoto, que parece ter-se encarniçado especialmente contra a vasta obra deste illustre pintor, destruiu tudo o que o seu pincel fixara desses motivos.

Por isso para o seculo XVIII, é ainda a obra dos nossos barristas que nos dá sobre esse tema a mais larga documentação. Apesar das depredações de toda a ordem, são numerosos os grupos alusivos ao mistério do Natal que nos restam desses artistas, pois erarara a igreja, convento, capela ou mesmo oratorio de casa nobre, que não tivesse o seu presepio. Os mais afamados

são os de Machado de Castro, sem duvida os mais pitorescos pelos motivos e costumes populares em que são ricos.

Mas Machado de Castro é ainda, para a escultura do seculo XVIII, o que Grão Vasco era, não ha muito, para a pintura do seculo XV e XVI: um verdadeiro Proteu, absorvendo a produção de muitos dos seus contemporaneos e, com ela, a de um imaginário que lhe foi sem duvida superior: José de Almeida.

E este escultor, grande ainda nas pequenas composições, em que não dispunha do poder de caricaturista que era, nas suas crêches, uma das maiores forças do celebre autor da «estatua equestre», conseguiu talvez por isso mesmo, diferentemente de Machado de Castro, manter, em epoca tão frivola e em especialidade tão comesinha, muito do antigo e admiravel espiritalismo, então quasi arredado d'essas e d'outras manifestações plasticas. As suas estatuetas, sobretudo as de anjos, com o sentimento que as superiorisa e lhes divinis o sorriso, tem o encanto e a graça, direi mesmo o estilo, da obra dos melhores e

mais correctos coroplastas gregos.



«Adoração dos reis Magos». Iluminura. (Seculo XVI. Escola Portuguesa).

Santo Antonio em Cam. de Ferro



por
Henrique
Lopes de
Alendonça



audades ao tio José Firmo!

- E á tia Ursula!
- E á prima Zésinha!
- E aos primos todos!

Era, na plataforma da gare, uma algazarra estrídula, elevando-se de boquinhas frescas: um grupo de raparigas, arrepanhadas sob o olhar vigilante de uma obesa mãe de família, defronte de um compartimento de 2.^a classe. No postigo debruçava o vulto magro uma dama idosa, disfarçando com um sorriso amorável as lágrimas que lhe bailavam nas órbitas encarquilhadas. E, enquanto o expresso do Porto rugia nos arquejos da abalada, a sua mão franzina, envolta em mi-taine de seda negrejava sob as pregas do lenço trapejante.

- Adeus, tia Rita!
- Até á volta!

Assim (chamavam as raparigas, assistendo os olhos para o suave rosto compungido, que se afastava num tropejar convulsivo de rodagens.

A tia Rita esguichava o semblante pálido, sem divisar já, por entre o pranto, mais do que a pluma rósea do chapéu da Cecília, o corpete azulino da Mariana, a fita vermelha que cintava a Isabelita, a mancha escura do vestido que envolvia as amplas formas de sua cunhada D. Gertrudes. E o capear maquinal do lençinho era anotado pelos sorrisos irónicos dos desconhecidos companheiros de viagem, que espreitavam pelas vidraças contiguas.

No ultimo relance de olhos, quando a carruagem já enfurnava na lobreguidão do túnel, a boa senhora deu conta da curiosidade de que era alvo. De acanhada, enrubescceu de leve. Atabalhoadamente, emboscou-se no seu recanto, recostando-se nos coxins, fitando com os olhos piscos a tibia lampada que mal furava as trevas. E a sua memória, já sobrecarregada de tristezas e misérias, embebeu-se na reconstituição daquella semana que tam-

bem rasgara, com um relâmpago de alegria, a cinzenta monotonia da sua existência.

Cerca de quinze anos haviam passado, desde que a velha solteirona se instalara nas cercanias de Tomar, na companhia de seu irmão José Firmo, modesto empregado numa fábrica de tecidos. Deixara em Lisboa o resto da família, acrescida durante a sua ausencia pela prole de seu irmão mais velho, Joaquim Gonçalves, mas lamentavelmente diminuída pelo falecimento d'este ultimo. Nunca mais, a não ser numa passageira visita d'ele a Tomar, seus olhos saudosos se tinham repastado nas fisionomias amigas dos parentes lisboetas. E a sua ambição maior era esta rápida viagem á capital, para a qual, durante anos penosos, ia amealhando uns tristes cobres e importunando com secretas orações os seus santinhos favoritos.

Regressava agora com o coração a rebeitar de saudades; mas consolavam-na as doces recordações que lhe iriam iluminando a velhice, arrastada á sombra protectora de José Firmo. Revia os semblantes juvenis das sobrinhas, a benévola fisionomia da cunhada, a sóbria paz do lar que deixava. E já se alvorçava com o exito que alcançariam, na sua comovida narrativa, os incidentes da excursão.

Tuc, tuc, tuc... retumbavam soturnamente as abóbadas do túnel... E D. Rita sorria á lembrança de certa travessura de Isabelita... Tuc, tuc... E a bruxuleante luzinha, nos bruscos solavancos do trem, fuscava sobre um borbotão de lágrimas, arrancadas pela imagem visionada do irmão defunto, cuja campã rasa lhe molestara os joelhos, no Alto de S. João...

Um ténue clarão de madrugada... alastrando pelas paredes do túnel... correndo rapido... expandindo em luz ofuscante... O comboio resfolegava ao ar livre. Desacabrunhados da treva, quebraram o silêncio os viajantes fronteiros de D. Rita. Eram dois moços, com ar de caixeiros, gárrulos comentadores dos pormenores da paisagem, das recentes novidades sensoriais, das flutuações da Bolsa. E enquanto a sua pratica ia deslizando, versátil e zombeteira, sobre sortidos assuntos, seus olhares escarninhos envesgavam para a modesta companhia de viagem.

Pelas bancadas macias, um nédio burguez cabeceava;

um peralvilho magrisela atirava ao ar baforadas de charuto; e dois lavradores, carregados de ouro, botavam cálculos ás colheitas próximas.

Como o peralvilho tivesse aberto a mala para sacar uma brochura côr de tomate, ocorreu a D. Rita verificar a sua pequena bagagem. Lá estava tudo na rede: o saco de tapeçaria verde e carmezim, a caixa do chapéu para a Zésinha, o estojo de barba para o mano José Firmo... Tudo em ordem! Ia ver se conciliava o sono. Tinha-se levantado não cedo!

Nada! Era melhor esperar pela maçada da revisão, para depois dormir á vontade.

Onde tinha o bilhete? Ha pedaço segurava-o entre os dedos. Metera-o na algibeira, por certo... Não! Quem ver que lhe caíra? Olhou para o chão, sacudiu o vestido... Debalde! Ergueu-se, já apreensiva... Vasculhou na almofada, virou-a, revirou-a... Nada!

—Ora está! resmungou, já com o suor frio a alforar-lhe a testa.

—Que tem, minha senhora? perguntou atencioso um dos caixeiros.

—O meu bilhete... Estará aí debaixo dos senhores? —Vamos a ver!

Os dois rapazes levantaram-se. Fez-se uma pesquisa minuciosa pela bancada, pelo chão, pela rede. O comboio arrancara da estação de Campolide, e corria agora a todo o vapor na cingidura da cidade. E todos os passageiros da carruagem se curvavam, interessados na descoberta do perdido.

Mas o malfadado bilhete não aparecia. Desistiu-se. A mofina senhora deixou-se cair nos coxins, sem alento. Baralhavam-se-lhe as ideas, apertava-se-lhe o coração, fugira-lhe do rosto o derradeiro vislumbre de rosa...

—Valha-me o meu rico Santo António! Acudiu-lhe aos lábios, involuntariamente, a jaculatória, como aos olhos cansados lhe acudiu o pranto. Nos rostos dos restantes passageiros desenharam-se sorrisos de piedosa mofo.

—Santo António está mouco com esta barulheira do caminho de ferro! — comentou um dos moços comerciantes.

—Não tem mãos a medir para as cachopas casamenteiras, chasqueou um dos lavradores.

E o burguez sonolento sentenciava com desdenhosos entono:

—Superstições! Superstições! Ao passo que o peralvilho, reacendendo o charuto, exclamou:

—Esse cavalheiro é major do exército. Não comparece sem guia do quartel general.

E sobre este chiste, acolhido com gargalhadas discretas, se bordou uma cavaqueira risonha, que esfusiou por todo o âmbito do compartimento.

Entrementes, no seu recanto, a pobre senhora, desatenta aos ditérios, desafogando em lágrimas, agitando os lábios delgados em silenciosas orações, ia medindo e exagerando intimamente os resultados da sua imprevidência.

Para a sua alma simples, era uma verdadeira catástrofe. A sua bolsa não continha mais que uns miserios tostões, os quais seriam desbastados pela diligência que

a levaria a Tomar. Ocioso era pois pensar em pagamento imediato da passagem no comboio. «Quando chegasse ao seu destino que lhe sucederia? Exigir-lhe-iam o dinheiro. Se não pagasse, soffreria vexames, quem sabe? Talvez a prendessem...»

O suor gelava-lhe a face. Para se resgatar obrigaria seu irmão a um sacrificio, avultado para as suas posses. Deixaria em penhor a bagagem, e iria calcurriando a légua e pico que se estendia desde Paialvo até casa. E as aflições da familia, que a esperava, pela demora da sua chegada! E a vergonha de confessar o seu desma-zelo!

Uma onda de angustia afogava as recordações festivas da sua singela odissea. Não lhe valeria Nossa Senhora, invocada em repetidas Avé Marias? Não lhe acudiria o santinho português, a quem dirigia fervorosos responsos?

A trepidação do comboio respondia-lhe em compasso lúgubre. O sol, batendo-lhe no rosto através da cortina púida, parecia rir da sua aflicção, como os companheiros de viagem, tagarelando a êsmo.

De repente, interpôz-se uma sombra na abertura da janela. E logo a porta do compartimento se abriu, para dar entrada ao revisor.

A sua fisionomia rispida, flanqueada de bonacheironas suissas, afigurou-se á pobre D. Rita czarrancuda e sinistra como a de um meirinho, prestes a pronunciar uma sentença capital.

Num impulso automático, enquanto os outros companheiros apresentavam os seus bilhetes, ella resgaravou ainda, convulsamente, as algibeiras, as mangas, as dobras do vestido preto.

—Escusa de procurar mais, disse com leve ironia o lavrador que se sentara ao pé dela. Alma que vai não volta.

Toda vermelha agora, a triste criatura balbuciou para o revisor, postado na sua frente:

—Com effeito... não sei onde pára...

Com ar severo, o revisor perguntou:

—Perdeu o seu bilhete?

—Creio que sim... tartamudeou a velhotta.

—Para onde ia a senhora?

—Para Paialvo.

O homem sorriu.

—Exactamente, disse êle. O seu bilhete encontrou-se na plataforma da gare de Lisboa. Fomos avisados pelo telefone em Campolide.

Foi uma surpresa teatral dentro do compartimento.

Desopressa, radiante, D. Rita egueu para o revisor os olhos marejados. Julgou vê-lo envolto num habito de burel, arrepanhado na cinta pelo cordão franciscano. Pareceu-lhe que a maleta dos trocos se transformara num cartapácio avermelhado, e que sobre ele pousava o corpito rechonchudo e róseo do divino infante. E arrastada pela devota alucinação, exclamou de mãos postas:

—Louvado sejas para todo o sempre, mezu rico Santo António!

Mais um milagre se inscrevia na legenda ásrea do santo lisboeta, que uma alma devota enxergava através do jaquetão azul do revisor.

E, quando êste lhe estendeu a papeleta, rabiscada a lápis, que lhe serviria de viático, a velha senhora sentiu ânsias de lhe beijar a mão.

Do Cristal,

LIBRETO D'EGLOGA LIRICA
EM I ACTO E III QUADROS POR

Afonso Lopes Vieira

II QUADRO—SCENA I

Recanto de jardim
na cerca do mosteiro de Lorvão,
à tardinha. A um
lado, uma fonte
e um banco de
pedra. Ouve-se o
côro das monjas
cantando vesperas.

MARIA e outras NOVIÇAS de Gister

PRIMEIRA NOVIÇA, a MARIA

Canta-nos o romance
em que Nossa Senhora
nesto mosteiro, outrora,
fez um lindo milagre
àqueta que fugira
por amor...

TODAS, a MARIA

Sim, canta-nos o romance
do milagre d'amor...

MARIA

Deixae-me, que estou triste
para cantar...

PRIMEIRA NOVIÇA

Pois canta, e essa tristeza,
Maria, tu consolas.
Canta-nos o romance,
Canta-nos o milagre
com tua voz tão linda,
o milagre d'amor...

MARIA, sentada, e as
outras a seus pés

Fugiu a freira, fugiu
lá para terras d'alem;
por amor se vai perdida,
vai nos braços do seu bem.

CORO

Vai nos braços do seu bem.

MARIA

Lá a leva o cavaleiro
que ela amou e que a perdeu;
mas á hora da partida
á Virgem seu manto deu.

CORO

Á Virgem seu manto deu.

MARIA

Andou lá por longe a pobre,
muito sofreu, coitadinha;
até que, de desprezada,
para aqui já se encaminha.

CORO

Para aqui já se encaminha.

MARIA

Mas de entrar, que medo tem!
Chega entim á portaria;
corre, corre á sua cela
e reza a Virgem Maria.

CORO

E reza á Virgem Maria.

MARIA

E diz-lhe a Virgem Maria:
—Fiz as tuas vezes, eu,
com teu habito vestid,
e ninguém me conheceu.

CORO

E ninguém me conheceu...

1918.

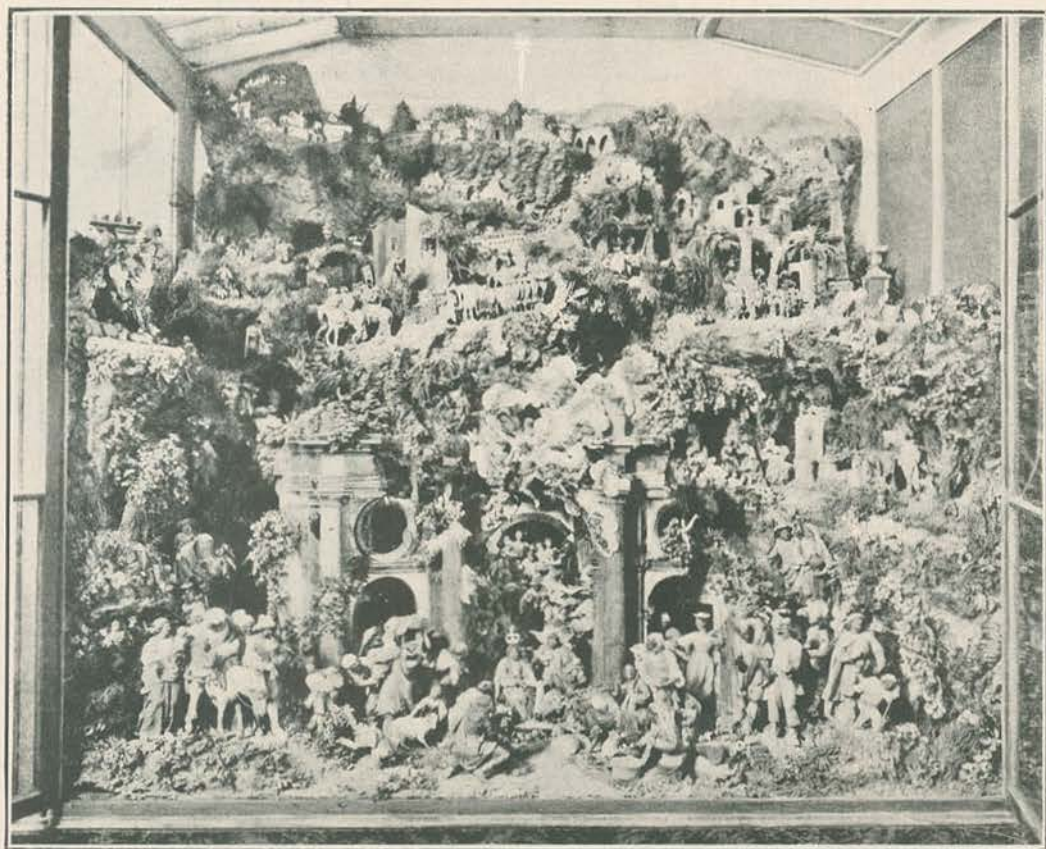
Porta da Igreja Matriz
de Viana do Alem-
tejo.

PAGINA ARTISTICA

VII—Gregorio Lopes



Adoração dos Reis Magos, por Gregorio Lopes (o mestre de S. Bento) escola portuguesa (1.ª metade do século XVI). (No Museu Nacional de Arte Antiga).



Presépio da Sè de Lisboa.

○ presépio

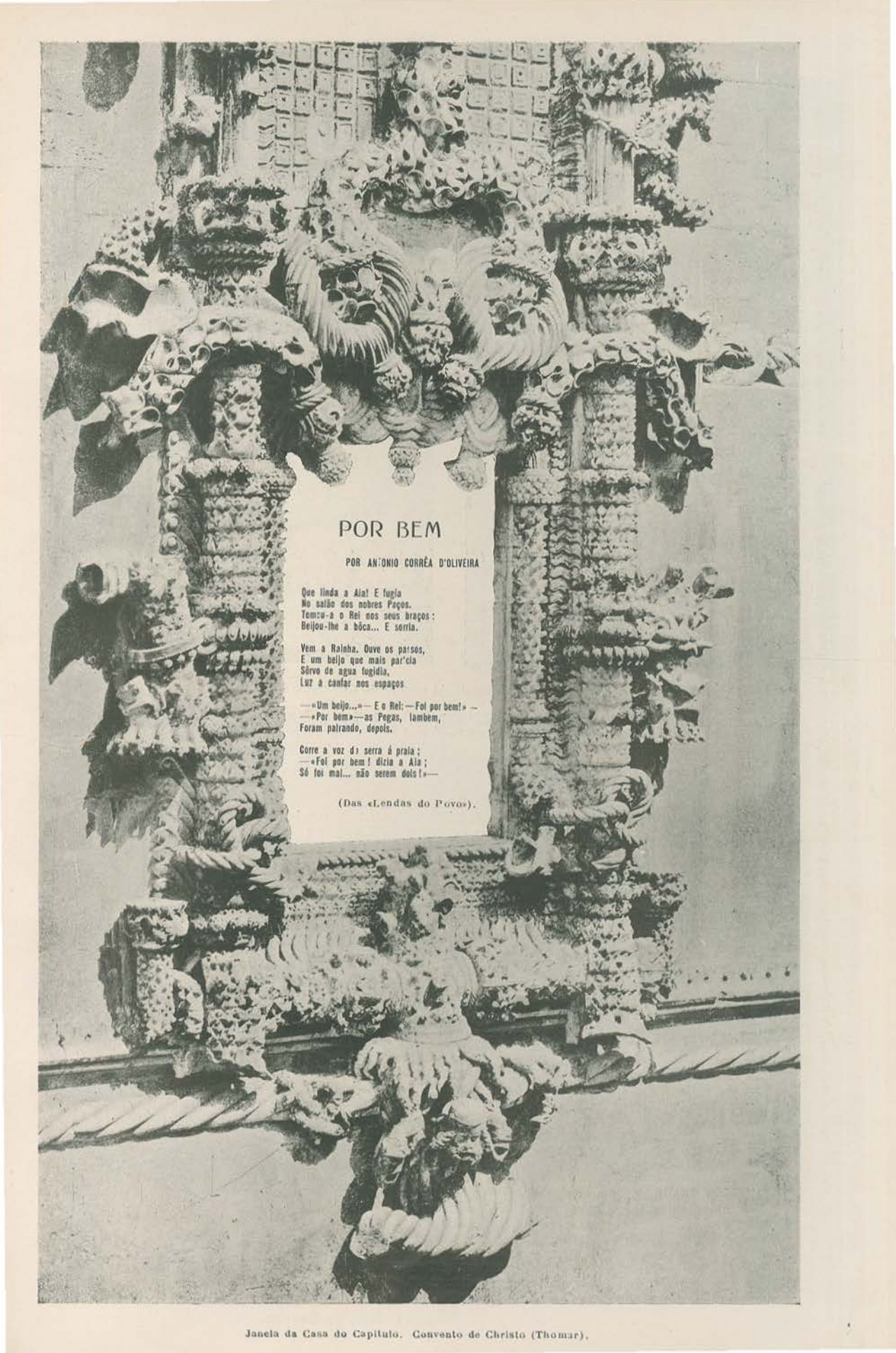
Por Matos Sequeira

Sobre torrões de argila é que a scena se passa:
Uma encosta! Bethlem, ao longe, em miniatura!
É, entre manchas de côr e tufos de verdura,
ha grupos pastoris de uma infinita graça!

Uma zagala bebe á fonte em cuja taça,
feita de espelho, vai reflectir-se a escultura!
Os três reis magos vêm, caminho da planura,
e um rebanho atravessa uma vereda escassa!

Sob o coral de um arco um rio argênteo alveja,
e Jesus, n'um docel de feno humilde e loiro,
sorri á jumentinha ingénua que o bateja;

flocos de algodão branco erguem-se em resplendor
e, n'um halo de luz feilo de lhama de oiro,
abre as asas de jaspe a pomba do Senhor!



POR BEM

POR ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

Que linda a Aia! E fugia
No salão dos nobres Paços.
Tomou a o Rei nos seus braços:
Beijou-lhe a boca... E sorria.

Vem a Rainha. Ouve os parcos,
E um beijo que mais parecia
Sôrvo de agua fugidia,
Luz a cantar nos espaços.

— «Um beijo...» — E o Rei: — «Fol por bem!» —
— «Por bem» — as Pegas, lambem,
Foram patrando, depois.

Corre a voz d' serra á prala;
— «Fol por bem! dizia a Aia;
Só foi mal... não serem dolo!» —

(Das «Lendas do Povo»).



Retabulos dos altares laterais da igreja do Convento de Mafra

PRAESEPIUM

«É que está chegada a hora
Dos mais humildes escravos
Se equipararem aos reis.»

«Alba Plena» — AUGUSTO GU.,



Nasceu hoje o Deus Menino
E por milagre divino
Tornam-se os homens iguais
Por toda a vida futura...
Ha mais rosas nos rosais
E lê-se maior doçura
Nos olhos dos animais...

A' luz da Fé no Senhor
D'essa luz que tudo invade
Nasce a Poesia, a Saudade
E nasce a primeira fiôr
No jardim da Cristandade...

Menino de olhar profundo
Que vê a Terra do Ceu,
Ele nasce e a Paz no Mundo
Tambem com ele nasceu...

As novas já correm lestras
Do Mundo ter outras leis
E logo se fazem festas
Nas côrtes ricas dos reis
E nas aldeias modestas...

Todos pretendem beijar
Os pésinhos de Jesus,
Que, banhados de luar,
Parecem feitos de luz...

Pés de neve, quem diria
Que haviam de ser um dia
Despedaçados na cruz!

Tereza Leitão de Barros.

O AEROPLANO *Vasco da Gama*

O aparelho «Martinsyde» em que o aviador Raynham realizou o *raid* Londres-Madrid-Lisboa foi no campo da aviação da Amadora solenemente entregue á aviação portugueza por oferta da colonia inglesa em Portugal. Foi uma festa que em todos deixou enternecidas recordações e que mais uniu e cimentou os laços da perduravel amizade que entre nós e a nossa velha aliada existem, e de que damos nas nossas paginas alguns dos seus mais curiosos aspectos.

Trazido o aparelho para fóra do *hangar* foi colocada junto ao



O aeroplano «Vasco da Gama» evolucionando sobre a Amadora

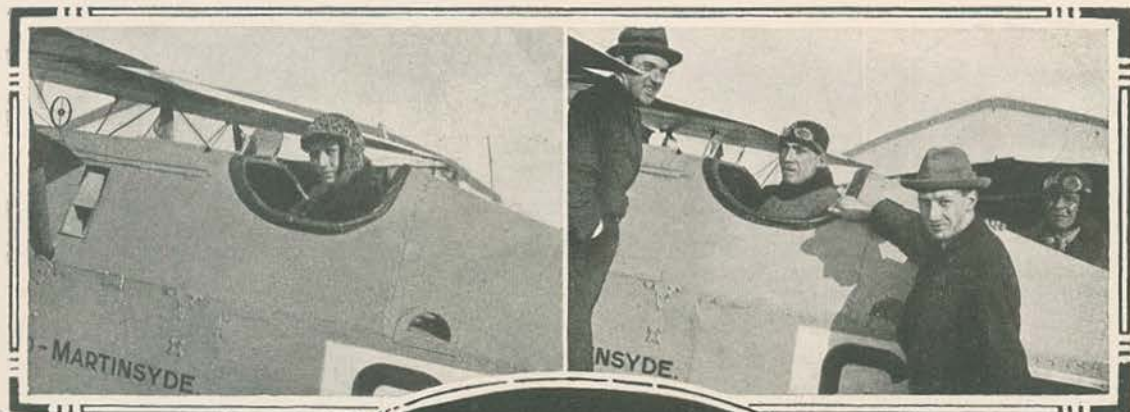
motor uma artistica placa em prata, trabalho da ourivesaria Leitão. N'ela se lê: «Vasco da Gama—oferecido ao governo portuguez pela colonia inglesa em Portugal como comemoração do primeiro *raid* Londres-Lisboa feito pelo aviador inglez F. P. Raynham. Lisboa, 11 de Novembro de 1919».

Em seguida a esta cerimonia o aviador Raynham fez a sua despedida do aparelho subindo n'ele e executando varios e arrojados exercicios, *glissades*, *tonneaux*, *reversements*, exercicios que prenderram a atenção



A cerimonia do batismo. «Lady» Drummond partindo a garrafa de «Champagne»

(Curioso instantaneo de Serra Ribeiro).



O aviador inglês no aparelho

da assistência, que o vitoriou quando fez a sua aterrissagem.

O sr. Ministro de Inglaterra fez seguidamente a entrega do aparelho, enaltecendo o arrojo e competência profissional dos pilotos portugueses e encarecendo a nossa coadjuvação e a nossa aliança secular que ali mais uma vez seraticava. Falaram o sr. presidente do governo e o sr. ministro da guerra que fez o agradecimento á colonia inglesa.

Depois *Lady Drummond* partiu no aparelho uma



O tenente aviador sr. Pereira Gomes, o aviador sr. Raynham e o sr. Rugeroni antes de subir.

garrafa de *Champagne*, batisando-o com o nome de *Vasco da Gama* e d'essa curiosa cerimonia tem os nossos leitores uma fotografia cheia de flagrancia e pitoresco, uma verdadeira *trouaille* fotografica.

O aviador portuguez tenente Pereira Gomes subiu no *Vasco da Gama* fazendo diferentes evoluções sobre o campo e sobre a cidade, tendo a festa sido rematada com um delicado copo d'agua em que se trocaram entusiasticos brindes e tendo o aviador sr. Reynham oferecido o seu «*passé-montagne*» ao sargento mecanico sr. Vasques.



Um trecho da assistência em que figura o sr. ministro da Inglaterra, presidente do ministerio, ministro da guerra, dos estrangeiros, major Castilho Nobre, etc. Evolucionando sobre os «hangares».

O aviador Pereira Gomes preparado para a subida.

Os srs.: Ministro de Inglaterra, presidente do ministerio, ministros da guerra e estrangeiros, madrinha do avião e o sub-diretor do «*Seculo*» olhando as evoluções.



AS EXPOSIÇÕES

Jose Campas, pintor



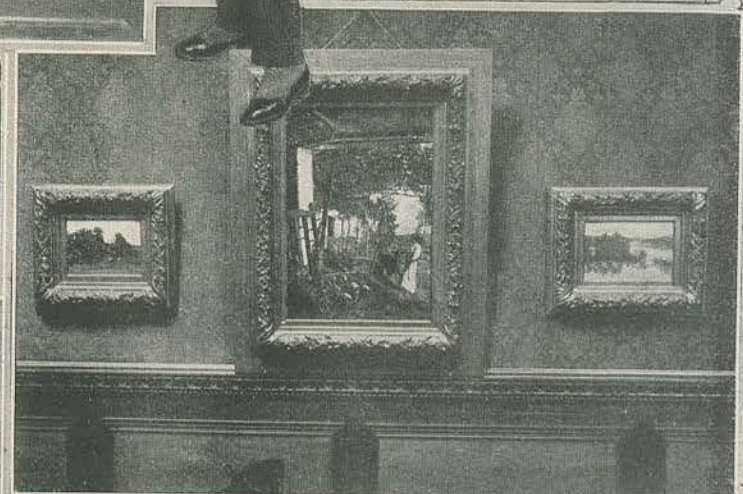
«A volta do campo»

O pintor José Campas

O pintor José Campas, que tem na pintura portuguesa um lugar que conquistou pelo seu trabalho e pelo



seu valor, realizou no Salão Bobone uma exposição de 32 dos seus quadros, onde ha trabalhos excellentes e em que sobresaem os «O Vale das Aze-nhas», «Ceu nublado», «Cabra teimo-sa» e «A volta do Campo». Paizagista de merito, mas pintzando egualmente figura com raro talento José Campas tem entre as suas qualidades a de se dedicar inteiramente a pintar os adoraveis encantos da nossa terra. O seu pincel sabe, das nossas côres e dos nossos tons, tiraxr valores justos que dia a dia cada vez mais se afirmam como um dos rraros cheios de força e de fé a quem o Futuro sorri e a quem o presente não falta já. A exposição tem sido mzuito visitada.



Aspectos da exposição.—(«Clichés» Serra Ribeiro)

Empregados no Comercio e Industria



Uma festa mutualista.
Inaugura-se a sede da Associação dos Empregados

no Comercio e Industria com grande concorrência e a assistência do governo.



O edificio da Associação na Rua Nova da Palma.

Resultou n'uma bem significativa imponente inauguração da nova sede da Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comercio e Industria, que teve lugar no primeiro domingo d'este mez.

A ella assistiram, além de muitas pessoas, entre as quais predominavam as senhoras, os presidentes das duas casas do parlamento, o chefe e alguns membros do governo, e varias outras individualidades em destaque nos meios politico e comercial, que à comissão edificadora prestaram justa homenagem, compensando assim os esforços pela obra a que tão dignamente ella se impuzera.



1. A assembléa funcionando sob a presidência do sr. Sá Cardoso. — 2. A comissão encarregada da edificação, que era constituída pelos srs: Carlos José d'Oliveira, presidente; João Augusto Garcia, secretario; Eduardo da Cruz Guimarães, José Julio Alvares, José P. Lima Barata e Homero Gabriel de Sousa. — 3. Outro aspecto da assembléa.

(«Clichés» Serra Ribeiro).

Figuras e Factos

Um Marquez Papalino — O ministro do Panamá entrega ao sr. Presidente da Republica a medalha «Solidariedade da Vitoria».
A bomba da T. de S.^{to} Antão — Arde o lugre «Antares».



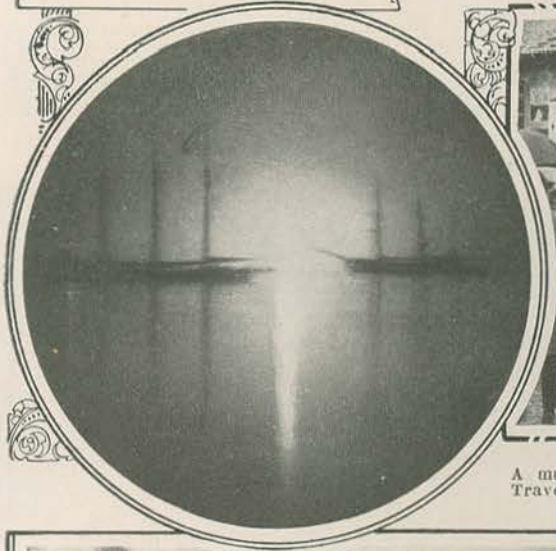
O novo Marquez de Sagres



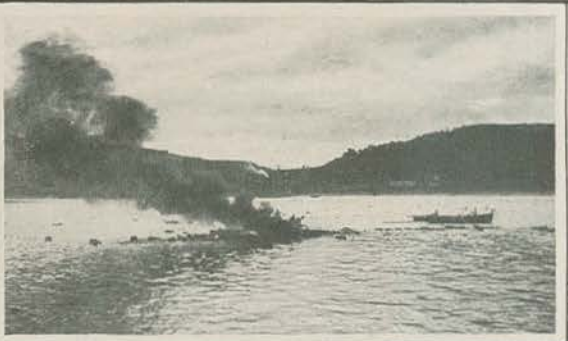
O sr. João Baptista de Sousa Junior, vulto bem conhecido no Porto, onde faleceu recentemente.



O sr. ministro do Panamá e os srs. Jaime Athias e Barreto da Cruz, na presidencia da Reepublica.



A multidão contemplando os destroços da bomba que rebentou na Travessa de Santo Antão.—O incendio do lugre Antares.—(Clic. S. R.).



O incendio a bordo do lugre Antares no Tejo, na noite de 11 para 12 do corrente, vendo-se á tona d'agua as listas de gazolna ardendo (depois do afundamento do lugre).—Clics do sr. Henrique Izidro.

O ESTRANGEIRO INTERESSANTE



Os cartazes em que em Paris os candidatos diziam mil promessas a neve impiedosa sepultou-os no seu branco lençol. Oh! a fragilidade das promessas políticas. «Lady» Astor a primeira deputada eleita em Inglaterra prega ao povo. O avião serve já nos Estados Unidos para transporte de facinoras. O «atelier» de Courbet, que hoje damos aos nossos leitores, é realmente uma obra celebre. Regatado na Exposição Internacional de 1885



foi vendido em 1899 por 60,000 francos. Hoje pedem por ele 900 mil e tem desejos n'ele o governo francez.



1. As eleições em Paris. As profissões de fé dos candidatos todas pela neve tornadas eguaes.—2. «Lady» Astor falando ao povo durante a sua campanha eleitoral.—3. O chefe da policia de S. Francisco da California, fazendo subir para o aeroplano da policia um criminoso.—4. O prisioneiro descendo do avião para tomar logar no carro celular.—5. O «atelier» de Gustavo Courbet.

"THE MERCANTILE AGENCY"

Agência Internacional de Informes Comerciaes

R. G. DUN & Co.

Possue no mundo inteiro e sob a mesma razão social

245 SUCURSAES

<i>54</i>	<i>sucursaes</i>	<i>na Europa</i>
<i>149</i>)	<i>nos Estados Unidos</i>
<i>17</i>)	<i>no Canadá</i>
<i>7</i>)	<i>no Mexico</i>
<i>5</i>)	<i>na Australia</i>
<i>4</i>)	<i>na Nova Zelandia</i>
<i>4</i>)	<i>em Africa</i>
<i>2</i>)	<i>na Republica Argentina</i>
<i>1</i>)	<i>no Brazil</i>
<i>1</i>)	<i>em Cuba</i>
<i>1</i>)	<i>em Porto-Rico</i>

Estas sucursaes, cujo pessoal regular comprehende mais de 10.000 empregados, teem alem d'isso um certo numero de agentes em todas as principaes cidades do mundo. Esta organização complementar que emprega mais de 800.000 correspondentes estende assim sobre o mundo inteiro os seus serviços e sua acção, reforçados com os seus 78 anos de existencia

CASA AMERICANA

Fundada em New-York em 1841

Central para PORTUGAL: **103, Rua do Comercio-LISBOA**
Sucursal: **10, Rua do Almada-PORTO**

LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas.

Todas as importantes descobertas em comunicação com a Arte de Curar não são feitas por pessoas medicas. Existem excepções e uma d'ellas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um intelligente e habil velho, William Rice. Depois de ter soffrido durante bastantes annos, de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, decidiu-se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação velu por casualidade deparar com o que precisamente procurava e não só poudo curar-se a si proprio completamente, assim como a sua descoberta foi provada em todas as classes de hernias com o maior resultado, pois ilcaram todas absolutamente curadas. Talvez que V. S.^a já tenha lido nos jornaes algum artigo acerca d'esta maravilhosa cura. Que V. S.^a tenha já lido ou não, é o mesmo, mas em todo caso certamente que se alegrará de saber que o descobridor de esta cura



Cure V. S.^a a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo.

oferece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que sofra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como elle e centenaes de outros teem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura efectiva sem dor e sem o menor inconveniente. As occupações ordinarias da vida seguem-se perfeitamente emquanto que o Tratamento actua e CURA completamente—não dá simplesmente alivio—de modo que as fundas não se tornarão necessarias, o risco de uma operação cirurgica desaparece por completo e a parte afetada chega a ficar tão forte e tão sã como d'antes.

Tudo está já regulado para que a todos os leitores d'este Jornal, que sofram de hernias, lhe sejam enviados detalhes completos acerca d'esta descoberta sem equal, que se remetem sem despeza alguma e confia-se que todos que d'ella necessitem se aproveitarão d'esta generosa oferta. E' sufficiente encher o coupon incluso e enviar-o pelo correlo á direcção indicada.

COUPON PARA PROVA GRATUITA.

WILLIAM RICE (S 944), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E.C., INGLATERRA.

Nome.....

Endereço.....

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações..... 300,000\$00

Obrigações..... 288,630\$00

Fundos de reserva e amortisação..... 300,000\$00

Escudos..... 1.008.630\$00

SEDE EM LISBOA, Proprietaria das fabricas do Prado, Marlanata e Sobrinhão (Tomar), Penedo e Casal de Hernaldo (Louza) Vale Maior (Abergaria-a-Velha). Instalações para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho, Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do palz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princesa, 270. PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51.—Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:—Companhia Prado,—N.º telef.: Lisboa, 603. Porto, 117.

No. P. 0000—6 in. d. c.—J. R. K. Co.

YALE Fabrics

O Guardião da Riqueza das Nações

As abobadas das thesourarias dos Estados Unidos e de muitos dos bancos mais fortes do mundo estão asseguradas com as fechaduras Yale para banco.

Onde as instituições gigantes põem a sua confiança, V. Sa. pode pô-la tambem. Os productos Yale offerecem a mais grande segurança, a mais grande qualidade e a maior adaptabilidade.

Ha uma fechadura Yale para cada proposito, desde as que precisam para as portas complicadas e maciças das abobadas de uma thesouraria até as fechaduras para caixas pequenas para as proteger contra os ladroses.

Ha tambem bons fechos Yale nocturnos, cadeados Yale, asseguradores Yale par portas, feragens Yale para constructores e cadernaes Yale de correntes—todos dignos da mais completa confiança e todos com a nossa marca de fabrica. Busque-se esta nos nossos productos.

A vossa encomenda pode ser executada por qualquer commerciante de importancia.

THE YALE & TOWNE Mfg. Co.
Estabelecida em 1868
Nova York
E. U. A.

CRÉME BÉATRICE

Blanche-Legère-Esquisse



O Crème Béatrice não faz brilhar a cara porque não tem glicerina nem gorduras nocivas á pele. Este crème de Beleza faz desaparecer as rugas, as manchas vermelhas, irritações, e fortifica e alisa a epiderme, tornando-a branca e aveludada. O nosso crème é vendido com a garantia de se devolver a importancia a qualquer cliente, quando não lhe tenha dado os resultados, que aqui garantimos.

Experimentai e vereis que não ha melhor. Vende-se em todas as boas perfumarias.

Laboratoire Harmelle-Salarnier — PARIS

Representantes e unicos depositarios em Portugal

DANIEL CABAÇO LOPES, L.^{da}, Successores

Telef. 1605 C.

Rua da Vitoria, 60, 2.º — LISBOA

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

O Seculo Comico

Propriedade de) J. DASILVA GRAACA, Limta.

Director: ACACIO DE FAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa



NATAL AGUADO



—Que lindo e gordo peru
 Aquele poleiro tem!
 Mas custa tanto dinheiro
 Que não lhe chega ninguém!



PALESTRA AMENA

Continuando...

Contámos ao leitor, se bem nos lembramos — a nossa memória é uma lastima — a historia da torcida para um candieiro, a qual custava n'um estabelecimento da Baixa vinte e cinco centavos e n'outro menos a terça parte, ou sejam oito centavos. Contámos, não revelámos o nome do ganancioso — é o adjectivo mais suave que conhecemos para designar tal meliante — e já hoje temos a contar factos que levam as mesmas voltas e tendem ás mesmas conclusões, quais são o não nos admirarmos se um certo Zé que todos conhecemos um belo dia agarrar n'um cacete, entrar n'alguns estabelecimentos e der cabo da cangalhada que por lá encontrar, incluindo os donos.

Primeiro factio; apeteceu a um amigo nosso adquirir o livro de *Poesias* de Olavo Bilac, o imminente escritor brasileiro, ha pouco falecido. O nosso amigo percorreu varias livrarias, sem resultado e por fim. n'uma ha pouco tempo fundada, foi-lhe dito que tinham alguns exemplares, mas que, como a edição se encontrava esgotada (!) cada um era vendido por dez escudos — dez mil réis, á antiga. O nosso amigo curvou-se, reverente e retirou sem comprar o livro...

Como fosse em direitura ao Terreiro do Paço e tivesse de seguir pela Baixa, meteu por uma rua transversal da do Ouro, onde existe tambem uma livraria, antiga esta. Haveria ali a obra de Olavo Bilac, apesar da edição estar esgotada? Esperançado entrou, fez a pergunta e obteve a seguinte resposta: que sim, que tinham alguns exemplares das *Poesias* e que vendiam por cinco escudos, ou cinco mil réis monarquicos... O nosso amigo curvou-se menos reverentemente de que na livraria onde primeiramente entrara e saiu sem efectuar a compra, fazendo, no entanto justiça ao livreiro, cincoenta por cento menos... ousado do que o colega dos dez escudos.

Segundo factio. Outro amigo nosso necessitava de mandar concertar as botas e para tal fim fez o que qualquer outra pessoa faria: dirigiu-se a um sapateiro e expoz-lhe o caso, perguntando o preço do concerto. Resposta do mestre: — «Custa-lhe doze mil réis. Não vê que o cabedal está carissimo...»

Ora, como se desse o caso de ter o nosso amigo comprado em tempo uma porção de cabedal para concerto d'umas cadeiras e não tivesse gasto tudo o que comprara, disse: — «Se esse preço é por çausa do cabedal, bem estamos, porque eu trago-lho o suficiente; tenho em casa.» Ao que o mestre retorquiu:

— Ai, meu caro! a mão de obra está pelos olhos da cara. O concerto, dando o senhor a sola, não pôde ser por menos de dez mil réis...

São verdadeirissimos estes factos.

O leitor que classifique este sapateiro, não nós que somos bem educados e não usamos de linguagem despejada.

J. Neutral.

Evolução galaica

Antigamente o galego era risonho e franco; ganancioso, vendendo-nos a agua, que era nossa, mas sobrio, resignado, modelo de honradez — qualidade esta, que ainda não desapareceu.

Mas o galego começou a ter contacto com portugueses, a sofrer o contagio dos nossos males e de aí a resignação foi fogo visto linguça e a sobriedade foi tambem um ar que lhe deu. Emfim, as coisas chegaram a ponto de não haver outro remedio senão pôr alguns dos filhos da Galiza



na fronteira, como incitadores de greves revolucionarias e quiça propagandistas de doutrinas subversivas.

No entanto, folgamos em afirmar que os contaminados são pouquissimos e que os que ficaram entre nós continuam a ser risonhos e francos, embora tendo levantado um nadinha os fretes e pedindo dez e mais tostões para levarem uma carta de namoro, quando d'antes não levavam senão um tostão. Por isso tambem o velho cerimonial do namoro tende a desaparecer, substituido pelo pratico matrimonio á porta do açougue...

FAZENDO CONTAS

São eloquentissimos os quadros que o *Seculo* está publicando, do balanço semanal da actividade produtiva da Camara dos Deputados. Falam por si proprios, mas achamos conveniente fazer a seguinte regra de tres, applicada ao quadro que abrange as sessões de 6 a 12 do corrente: sendo 20 as horas de trabalho e 69 os discursos pronunciados durante essas horas, que tempo levou cada discurso a pronunciar? Verão que para o quociente não dar um absurdo é preciso admitir que na Camara se dizem 6 ou 7 discursos ao mesmo tempo.

E aí está a razão porque lá ninguém se entende.

Correspondencia

J. P. de Sousa (Funchal). — Estamos servidos se comentassemos tudo o que se presta á brincadeira! De mais a mais o *Baile dos pirilampos*, tem belezas incontestaveis, como esta:

Oh! bemós pianissimos
Dos chorões pendentis!

Ou como esta:

Em divinas poses
— Ritmos de musica —
Uns voavam velozes,
Outros passo a passo...

Ou como esta:

Ha deslumbramentos,
Fogos, risos, flirt...

Ou como esta:

Desfalece o baile
Dos febris pirilampos...
Como um longo chaile
De oiro e azul faiscando...

E com a felicissima imagem do *chaile*, pomos ponto, extasiados.

Bailes russos

Sim senhores: todos misticos os bailados da D. Aninhas Paulona, ali, em S. Carlos, mas um nadinha degenerados com a mudança da latitude. Temos á vista algumas gravuras dos verdadeiros bailes russos, no paiz de origem e a verdade é que não se parecem nada com os que acabamos de admirar aqui.

Segue-se a gravura d'uns dos mais suggestivos, ao ar livre, em pleno Pe-



trogrado, excutado com um exito nunca visto.

Catita ou não?



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Ispousa da mē curasão :

Grassas a deos pra sempre ó fazer desta istou bom amai i u mēmo te de-seijo i mal á ubrigasão. Cum respeito a triatos inchi a barriga intē ás tripas na ultema cemana cum upretas, cume-dias, dramas, ede setera i tal. Prume-ro vou te fallar da upreta, porque a museca istá prumero pois que intē faz fallar us alimais. Ora intão temos duas demoaseles, uma xamada Ecran i oi-tra Trá-lá-lá, cuja aquella tem um ti-tlo que deu munto trabalho a tarduzir ó tardutor. A ditta Ecran, cus cartazes xamam Ecrain, porque o cartazei-ro çabe tanto fransiu cuma mim é a Çatanella dos olhos de olofote cuja esta anda a fazer fitas pur ece mundo i ce agarra a toudos us omes que to-sca. Tosca u trangalhadasans du Alves da Cilva que vai casar cu a prinseza Raquel i ce intertem a cassar moscas inquanto a prinseza canta i a ditta Çatanella atrace a elle mettece numa carroaje cum elle e ede setera i tal cum elle. A Raquel já ce çabe tem uma



grande arelia cum u açucedido; cume-sa a cara a mingarle, us olhos a tor-narem-ce ainda mais brancos, touda ella a ficar xupada das caroxas i a fallar groço touda cinpasticamente. Pur fim tudo acaba in bem ceponho eu porque nan acesti ó fin da parodia; faziame tanta afelisião a çupradita Ra-quel que tive medo ca provesinha ar-rebintace in cena i ó pezes pra que te quero. Na noue ceguente Trá-lá-lá que vem a cer a mēma Ecran cem Na-polião mas cum u mēmo moulu, pur-que me isquecia dezer cu Amarante na Ecran arma in Napolião pra mus-trar que um imprador valle tanto cumo um carroseiro. Ora a Trá-lá-lá é a Cramilda a fazer buquinhas a pullar i a namuriscar cu Almēda Cruz que istá n.º 3 ou 4 para marido i canto mais mulheres vai tendo mais a voz ce le afina. Quem vai munto bem na sitada Trá-lá-lá é u Basco Santana que faz

EM FOCO

O actor João Silva



*Regressou do Brazil com mais chalaça
Do que tinha levado na partida;
Vem com mais alegria, com mais vida
E continua a ser actor de raça.*

*Quando ele, ha muitos annos, sentou praça,
Creio que n'um teatro da Avenida,
Poz logo pé na terra prometida,
Quer dizer, teve logo muita graça.*

*Sendo o João Silva então de curta idade,
(Pois que desasseis annos eele tinha)
Como é que foi de tal felicidade ?*

*Digo, porque o leitor não adivinha:
Teve a sorte, na sua mocidade,
De se estrear n'uma comedia minha.*

BELMIRO.

de banco imbruhlado n'um linsol i istá touda a pessa a cumer. Canto ó inre-dó é u Gomes que resgou um vilhete da luteria de Millão permiado cum 80:000 marcos, cujos estes ó cambio dá prá i doze bintens i elle julga que ficou meleunario; a oi-tra parte du vilhete quem a tem é u filho que é a Cramilda que é filha porque jura que é femia i infetivelmente paresse pello volume ó antes pellos velumes que traz á vista. I cumo acaba a pessa pre-guntavas tu i preguntavas munto bem mas eu é que nan te poço arresponder porque ella comessou ás dez i meia da noite i um ome nan é de ferro i nan istá pra ce reculher de mardugada.

Pur oje vasta i nan te infado mais pratesipute que pur inquanto istou in-terro mas que toudas as noites á vom-bas que diz que ção de culurato de putaça mas vão mandando us criosos pró outro mundo qui é um louvar a deus. Arresebe alimbransas sódosa i tambem prós piquenos i deseiate vòas festas i nan te manda as vròas porque ção caras cumo fogo u teu marido in-terno i agardecido

Jerolmo.

Emprezarto do Pauffleama do Peras Ruivas

Basta de sofrer!

Os senhores sabem, decerto, varias historias de S. Sebastião, todas elas mais ou menos ligadas ao martirio do mesmo, a começar por aquella resigna-ção que manifestou quando dizia «Vá» e a acabar pela indignação, que não pôde calar quando as setas faziam «Pá!»

Sabem, pois, tambem, a do S. Se-bastião, que se encontra nos Arcos de Coimbra, perto do jardim Botânico, mas ella ai vai, para alguns ignoantes: atra-

vessavam o peito do ditto santo, desde tempos imemoriais, setas de prata e um belo dia os filhos e as filhas do Mon-dego notaram com pasmo que as setas haviam desaparecido e; em logar d'elas via-se um papel com as seguintes pa-lavras: «Basta de sofrimento!»

O benemerito que assim aliviou o martir nunca foi apanhado, nem natu-mente perseguido.

— Mas a que proposito vem a anedo-ta? interrogará o leitor curioso.

A proposito da noticia, publicada nos



jornais da ultima 6.ª feira, de que n'uma igreja dos arredores de Lisboa sorripiaram, além das setas d'um S. Sebastião, o manto e a corôa d'uma Senhora, assim como outros objectos de prata e ouro pertencentes a outros santos.

Quanto ás setas não mostraram os gatunos grande inventiva; quanto ao resto, teem uma atenuante: não se comprehende que atravessando os catolicos a tremenda crise que estão atravessando, quem deve dar o exem-plo de humildade osteente objectos de luxo.

Ponderem os juizes.

Reconciliação

Rocha Vieira



—Eu, afinal, fui sempre católica!
—E eu, republicano...



«Natividade». Gaspar Vaz. (Seculo XVI. Escola Portuguesa)
No Museu Nacional de Arte Antiga.



«Adoração dos Reis Magos». (Seculo XVI. Escola Portuguesa)
No Museu Nacional de Arte Antiga.